

**MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: ABORDANDO NEGRITUDE,
GÊNERO E ACESSO À ESCOLA NO LIVRO DE MANOEL ANTÔNIO DE
ALMEIDA**

Gustavo Cravo de Azevedo¹

Joyce Gonçalves Restier da Costa Souza²

Juliana Sousa de Araújo Mochel³

RESUMO: O livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, escrito por Manuel Antônio de Almeida, pode ser caracterizado como um “romance de costumes” e foi publicado entre os anos 1852 e 1853, no rodapé do antigo jornal *Correio Mercantil*, no Rio de Janeiro. Foi editado como livro no ano de 1854 e apresenta diversos personagens e situações que demonstram como se davam as relações na época, parte de uma herança cultural com traços que permanecem até os dias atuais. Acreditamos que o uso deste livro em sala de aula permite constituir uma imagem histórica da sociedade a partir dos seus costumes, hábitos e valores e permite abordar com qualidade os temas negritude, gênero e acesso à escola.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, literatura, negritude, gênero, acesso à escola.

**MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: APPROACHING BLACKNESS,
GENDER AND ACCESS TO SCHOOL IN THE BOOK BY MANOEL ANTÔNIO DE
ALMEIDA**

60

ABSTRACT: The book *Memórias de um Sargento de Milícias*, written by Manuel Antonio de Almeida, can be characterized as a "novel of customs" and was published between the years 1852 and 1853, in the footer of the former newspaper *Correio Mercantil*, in Rio de Janeiro. It was published as a book in the year of 1854 and presents / displays diverse characters personages and situations that demonstrate how the relations were given at the time, part of a cultural heritage with traces that remain to this day. We believe that the use of this book in the classroom allows us to constitute a historical image of society based on its customs, habits and values and allows us to approach with quality the themes of blackness, gender and access to school.

Keywords: Teaching of Sociology, literature, blackness, genre, access to School.

¹ Doutorando em Ciências Sociais PPGCIS-PUC Rio. Pesquisador do Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LABES/UFRJ).

² Mestranda em Ciências Sociais PUC-Rio. Mestre em Relações Étnico-raciais (CEFET-RJ).

³ Doutorando em Ciências Sociais PPGCIS-PUC Rio.

Introdução

O livro pode ser considerado como um típico romance⁴ de costumes, escrito e característico do período denominado de segundo reinado, intentando construir uma representação/imagem da sociedade a partir dos seus costumes, hábitos e valores. A obra é composta por 48 (quarenta e oito) capítulos nos quais pode-se caminhar pela vida de Leonardo-filho, iniciando com o encontro de seus pais e finalizando com o seu reencontro com Luisinha. Paixão (2016) considera que o livro “pode ser visto como um romance que participa da elaboração da consciência ou da mentalidade nacional” (PAIXÃO, 2016, p. 124). Foi comparado às pinturas de Jean-Baptiste Debret⁵ por “fixarem tipos e cenas características do Rio de Janeiro do século XIX” (MACHADO, 2009, p. 175).

É importante realçar que Brito e Ribeiro (2013), por uma questão de método, defendem a aproximação com a literatura como campo acadêmico para enriquecer reflexões e investigações de diversos outros campos – como a história da educação, a antropologia, a sociologia, entre outros que podem se beneficiar desse movimento aproximativo. O rico potencial presente nos textos literários, que podem servir para

⁴ O romantismo surge na Europa em fins do século XVIII, inicialmente na Alemanha, que no contexto da revolução industrial e francesa ensejou um cenário de modernização e reconfiguração social, produto das diversas forças sociais que surgiam no cenário do velho continente. No Brasil, trata-se de um movimento que está relacionado com a vinda da família real a partir de 1808 e depois, com a independência, reflete na literatura a narrativa sobre o cotidiano dos moradores e a ancorava-se no compromisso com a construção de uma identidade nacional. Sobre as três fases românticas, não cabem aprofundamentos no presente artigo, mas apresentamos algumas diferenças entre elas para apresentar a informação. A primeira fase foi mais voltada à identidade do país, em que os autores procuravam inspirações tipicamente nacionais para suas obras, os românticos estavam inspirados, por exemplo, na ideia de *bom selvagem* de Rousseau e irão apresentar o índio como uma figura fortemente idealizada. Aqui há, por exemplo, Domingos Gonçalves de Magalhães e sua obra *Suspiros poéticos e saudades*, de 1836.

A segunda geração, tipicamente vista como ultraromantismo, é mais voltada para os tormentos do amor e da morte, fortemente pautado por um pessimismo e mesmo posturas de blasfêmias, libertinagem e gosto pelo macabro. O cenário preferido aqui é um *Locus horrendus* de uma natureza noturna e violenta. É o Mal do Século. O exemplo óbvio, e mais marcante, a ser pensado, em tal fase, é Alvares de Azevedo com seu livro *Noite na taverna*.

A terceira geração, ainda está em uma discussão da busca pelo nacional, mas acresce de outras cores em relação à primeira geração, por exemplo. Pois há a questão da liberdade, em oposição à escravidão. Onde existe, por exemplo, certa vertente poética que ganha o título de condoreirismo, pois ao tratarem de certas questões sociais, eles são associados ao condor, pássaro a simbolizar a liberdade. Assim vemos como autores inspirados em, por exemplo, Victor Hugo, escreveram sobre o horror da escravidão.

⁵ Jean-Baptiste Debret.- Pintor, desenhista - Autor de Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839).

elaborações de inferências sobre alguns fatos históricos – ainda que reconheçam e tenham total clareza dos limites colocados.

Em particular, a escolha de análise da obra *Memórias de um Sargento de Milícias* se dá pelo amplo aspecto de possibilidades a ser abordadas em sala de aula, por exemplo. A obra, quando enriquecida com referenciais e autores das Ciências Sociais, permite aos alunos o exercício da imaginação sociológica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, em sua 3ª e última versão⁶, sobre as competências das disciplinas componentes da área das Ciências Humanas traz que ao final dessa etapa os discentes sejam capazes de “(...) desnaturalizar condutas, relativizar costumes, perceber a desigualdade e o preconceito presente em atitudes, gestos e silenciamentos”. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2018, p. 564).

Na contramão de muitos de seus contemporâneos românticos que retratavam apenas os padrões burgueses da época, Manoel Antônio de Almeida fez a escolha de descrever um cotidiano das classes populares, escolha essa valorizada pelos autores do artigo⁷. Apresentamos a seguir nossas reflexões divididas em três seções.

Acesso à Escola

Esta seção tem como foco observar o período em que o pequeno Leonardo – personagem principal do livro - frequentou a escola, enquanto seu padrinho ainda era vivo e cuidava dele. O objetivo é estabelecer uma reflexão sobre a instituição escolar nesse período, como ela funcionava, quem frequentava e quais as expectativas associadas a ela, tal qual relacioná-la no ideário geral da sociedade, por meio de suas dinâmicas sociais em cada contexto histórico. A pergunta motivadora da seção foi: afinal, quem ia para a escola na época?

⁶ O documento, lançado em 2018, pode ser encontrado em sua versão completa através do link: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em 29/11/2018.

⁷ O autor do livro nasceu em 1831, falecendo em 1861, vítima de um naufrágio. É nascido no Rio de Janeiro, filho de pais portugueses. Formou-se médico mas exerceu profissionalmente a atividade de jornalista. Escreveu um único livro: *Memórias de um Sargento de Milícias*. Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/manuel_almeida/. Acesso em 29/11/2018.

A história se passa durante o período conhecido como segundo reinado, período no qual ainda não havia separação entre a Igreja Católica e o Estado e reinava Dom Pedro II. Na época, a Igreja era a responsável pela educação e, para a tarefa, fazia uso de recursos públicos. O país tinha uma religião oficial - no caso a religião católica⁸. Tal cenário só foi alterado após 1889, com a Proclamação da República, especialmente com a Constituição de 1891.

Um costume que prevalece até hoje e que era mais forte na época era o hábito de andar com uma caneta pendurada na vestimenta. Em um país desigual, de analfabetos e iletrados, a caneta era um objeto de prestígio e demonstrava nível social. É importante assinalar que em 1854, período em que o romance era veiculado pelo jornal, foi publicado o Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte⁹ indicando que a escola era um direito da população livre e vacinada – daí sendo excluídos os escravos (PAIXÃO, 2016). É importante atentar para a configuração social da época e entender também o fato dos negros escravos não constituírem, no que tange à escola, parte da narrativa em questão.

O decreto que trata especificamente do letramento e instrução das primeiras letras e torna a educação uma atividade obrigatória data apenas de 1879, a última reforma educacional empreendida no período monárquico por Pedro II¹⁰.

No livro, o pequeno Leonardo recebe os primeiros cuidados do padrinho, que procurava de alguma forma ‘encaminhá-lo na vida’ e começa por matricular o garoto na escola¹¹. Alguns autores argumentam que na verdade o compadre reproduzia parte das suas

⁸ É verdade que o poder da Igreja Católica nesta época, em se tratando de ação evangelizadora e educacional, já se encontrava bastante enfraquecido, devido a extinção da Companhia de Jesus de Portugal no ano de 1773. Autores como Saviani (2007) afirmam, por outro lado, que a hegemonia católica em termos educacionais nunca esteve abalada. Trata-se de uma polêmica que este trabalho não busca encerrar.

⁹ Igualmente importante assinalar que desde a Constituição outorgada em 1824 a instrução primária era uma entendida como direito do cidadão. O Ministério do Império era o órgão que fiscalizava e administrava o ensino primário, secundário e de ensino superior na corte e desde 1834 um ato adicional designava os níveis primário e secundário às províncias.

¹⁰ O período monárquico durou de 1822 até 1889, quando houve a Proclamação da República.

¹¹ O garoto Leonardo é filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, sendo gerado “entre uma pisadela e um beliscão” durante viagem de navio de Lisboa até o Rio de Janeiro. Seus pais acabam abandonando-o, em momentos distintos, e entregando sua educação à responsabilidade do compadre, personagem de ética duvidosa, que levava uma vida tranquila do ponto de vista financeiro, mas que se estabilizou por meio de caminhos discutíveis.

próprias experiências, pois aprendera o ofício e teve acesso às primeiras letras com um homem que também não era o seu pai. Pretendia com isso transmitir ao garoto a instrução, mas pretendia que o mesmo não seguisse sua profissão. Ao contrário, queria fazer do garoto um clérigo (PAIXÃO, 2016).

Leonardo tinha nove anos de idade quando foi expulso da casa dos pais. Tornou-se órfão sem, de fato, o ser. Se observarmos a relação do brasileiro com suas instituições, aos nove anos, o Leonardo nos dias de hoje já estaria obrigatoriamente na escola e, caso estivesse em situação ‘de rua’, seria acolhido pelo Conselho Tutelar e encaminhado possivelmente a um orfanato público, além das outras garantias relativas à infância e à criança como sujeito de direitos, previstas no escopo do Estatuto da Criança e da Adolescência (ECA). Na época, as instituições eram outras, a escola não era obrigatória e, caso não fosse acolhido pelo padrinho, teria sorte caso alguma Casa de Caridade, à época vinculadas majoritariamente a alguma instituição religiosa, o acolhesse.

O padrinho começa a refletir sobre colocar o garoto na escola quando estivesse com ‘12 ou 14 anos’. O sonho do padrinho era que o menino virasse padre. E, de alguma forma, achava que ele levava jeito para a coisa. E comenta, pensando carinhosamente no futuro do garoto:

- Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha ele nove anos); é preciso que aprenda alguma coisa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o bê-á-bá. Farte-se de travessuras por este resto da semana. (ALMEIDA, 2011, p. 31)

A citação em voga denota como parte da instrução no período anterior era organizada também no espaço da casa e não em instituições específicas com a finalidade do ensino – no caso as escolas. Os estudos de Leonardo fazem com que o padrinho comemore alguns “progressos” do garoto. Ele lia soletrado e sofrivelmente, mas lia, e também aprendera a ajudar missa, graças à paciência da comadre:

-E dizem que não tem jeito para padre, pensou consigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Ele nasceu mesmo para aquilo, há de ser um clérigo de cruz. Vou tratar de metê-lo na escola, e depois... toca. (ALMEIDA, 2011, p. 72)

Brito e Ribeiro (2013) chamam atenção para o formato pedagógico e didático da época, quando a sabatina e a repetição oral eram um dos métodos de organização do ensino das primeiras letras. Exemplo disso foi a tentativa de alfabetização do garoto pelo padrinho e pela escola, com o relato de diversas punições quando o mesmo “empacara” em algumas letras. Os castigos escolares faziam parte da rotina e do cotidiano escolar e os ‘bons professores’ eram aferidos/temidos, entre outros, pela sua severidade, posto que a palmatória era um dos instrumentos pedagógicos da época¹². Paixão (2016) reconhece na obra uma perspectiva satírica da educação, na medida em que o ensino não serviria para nada, servindo, nas palavras do autor, para “desasnar” a criança.

O abandono da escola veio por um pedido do Leonardo, que solicitou ao padrinho que o fizesse sacristão. Desejo realizado, o garoto saiu da escola. O fato atendeu em partes ao anseio do padrinho, que desejava no fundo que o menino fosse padre, e satisfazia também ao garoto, que não se adaptou à rigidez da escola.

Esta narrativa denota o período em que a instrução e o letramento ocorriam, na maior parte das vezes, na própria residência do pedagogo/professor/tutor – posto que as aulas eram frequentemente na casa dos próprios professores. Considerando que escolas, mobiliários e livros, diferente de hoje, não eram oferecidos pelo poder público, devemos nos remeter a duas questões fundamentais: (i) a dificuldade de não haver escolas e nem a obrigatoriedade da oferta da instrução das primeiras letras pelo governo somado à necessidade de colaborar financeiramente em casa ocasionava uma grande evasão escolar; e (ii) por conta deste quadro haver um recorte de gênero importante a se fazer, considerando o tempo histórico e o argumento que dificultava meninas de irem à escola.

Cumprem duas observações. De um lado, Schueler (1999) afirma que pelo documento oficial de 1854 “os meninos pobres só poderiam dar continuidade aos estudos no caso de demonstrar acentuada distinção e capacidade para tal. Em geral seu destino

¹² As punições estavam respaldadas na Lei de Diretrizes da Escola Elementar de 1827, pela Lei 54 de 1836 e pelo Regulamento de 1846.

deveria ser a aprendizagem de ofícios por meio dos quais seriam integrados na categoria de trabalhadores livres” (SCHUELER, 1999, p. 113).

Por outro lado, Paixão (2016) entende que a oração “menino, venha cá, você está ficando um homem” carrega fortes elementos de gênero dos hábitos das famílias dos imigrantes, que enxergavam os meninos como mão-de-obra, diferente do gênero oposto e defende que se encontra neste ponto nítida conexão com a própria biografia do autor, que precisou trabalhar para sustentar a si mesmo e aos outros irmãos.

Considerando os indicadores de analfabetismo da época, o acesso à instrução estava relacionado com o desenvolvimento de algumas funções na sociedade. Se por um lado, os setores mais privilegiados da sociedade, especialmente aqueles ligados às elites rurais, almejavam enviar seus filhos para estudos em universidades preferencialmente na Europa, por outro lado restava à parcela das classes populares ocupações que dependiam do acesso ao letramento, como é o caso de alguns cargos menores na carreira militar ou o sacerdócio, como era o desejo do padrinho do pequeno Leonardo¹³.

O livro retrata as dificuldades de acesso à educação no período imperial. Ao referirmo-nos ao período, lembramos no geral da escassez de dados relativos – salvo o Censo de 1872. O documento “Publicação crítica do Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872” elaborado pelo Cedeplar/UFMG disponibilizou os dados de uma das primeiras tentativas de retratar a população brasileira da forma mais ampla possível e sem os erros de soma identificados nos documentos originais. O censo de 1872 foi o primeiro censo nacional brasileiro – abrangendo conjuntamente todo o país – e foi o único do período imperial e escravista. Este censo, segundo o grupo da UFMG, foi considerado bem completo, mesmo para os padrões atuais, devido à quantidade de elementos da população que ele abordou. Dentre os fatores que incorreram para gerar relatórios e dados imprecisos estavam questões de método de coleta de dados. Os funcionários do Censo deixavam os formulários nas casas das famílias e as próprias famílias preenchiam. Boa parte da população da época era analfabeta, o que possivelmente dificultou o preenchimento. Importante dizer que as paróquias estiveram diretamente envolvidas nesta coleta de dados

¹³ À época, o ensino das primeiras letras implicava em saber a ordem das letras do alfabeto.

para o censo nacional. Dentre três elementos do censo que o Cedeplar/UFMG encontrou diferença na soma dos dados estavam: a) população declarada branca superdimensionada e população negra subdimensionada; b) número de casados superdimensionados; c) número de pessoas instruídas e alfabetizadas superdimensionado.

Até a década de 1870, as poucas escolas públicas que existiam no município do Rio de Janeiro funcionavam em prédios alugados e o governo imperial também subvencionava algumas escolas particulares. Dom Pedro II, aproveitando a euforia com a vitória da Guerra do Paraguai e querendo reforçar a imagem de governante preocupado com o povo, dá início a uma política voltada à educação pública, o que significava à época garantir primeiramente que as atividades educacionais fossem realizadas em prédios próprios¹⁴ (CENTRO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 2004).

Considerando as limitações metodológicas da época, dados do censo de 1872 indicava que o analfabetismo entre os homens era de 77% entre os livres e 99% entre os escravos. Entre as mulheres, o índice era de 87% e 99%, respectivamente. Os homens sem profissão eram 42% entre os livres.

Não há dados sobre escolarização infanto-juvenil no censo de 1872. No entanto, tomando dados do ano de 1920, 71% da população brasileira com mais de cinco anos de idade não era alfabetizada. Em 1936, na esteira do processo de industrialização no país, havia apenas três ginásios¹⁵ públicos em São Paulo e aproximadamente quarenta particulares. (BRITO & RIBEIRO, 2013).

Gênero

Nesta seção do artigo, nos debruçaremos sobre uma comparação entre as representações das personagens Luisinha e Vidinha, uma como a mulher para casar e outra a mulher para se divertir, respectivamente. Para a análise, abordaremos a caracterização física

¹⁴ Esses edifícios foram construídos em importantes localidades da cidade, com proporções avantajadas, dentro de tendências estéticas da época e ganhavam destaque em meio à paisagem urbana. Como exemplo remanescente do período, temos o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, localizado no Largo do Machado.

¹⁵ Corresponde atualmente ao segundo segmento do ensino fundamental (séries finais, do sexto ao nono ano).

das duas mulheres, o local de encontro do personagem principal com cada uma delas, e as características do modelo de casamento burguês no Rio de Janeiro da época. Trataremos da questão da raça com mais atenção na próxima subseção. No entanto, cabe, desde já, ressaltar que Luisinha é descrita como branca pelo livro e Vidinha como negra.

Luisinha nos é apresentada na obra a partir do capítulo XVIII, intitulado “Amores”, no qual é descrita como feia e como “muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinham adquirido beleza de moça” (ALMEIDA, 2011, p. 108). Além disso, afirma:

(...) era alta, magra, pálida; andava com queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça. (ALMEIDA, 2016, p. 108)

Já Vidinha é prontamente caracterizada por sua beleza exuberante:

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada doce e afiada. (ALMEIDA, 2011, p. 167)

Diante da formosura daquela mulher, Leonardo se viu “embebido num êxtase contemplativo” (ALMEIDA, 2011, p. 170) ao se deparar com os alvos dentes de Vidinha. Além disso, ela tocava modinhas, cantava, falava alto, enfim, participava do meio social. Tudo isso encantou Leonardo a ponto de desorientá-lo, como afirmou o autor, e é justamente nesse ponto que ele faz a primeira comparação entre os atributos de Luisinha e Vidinha:

(...) Ainda bem não tinha, expirado as últimas notas do canto, e já passando-lhe rápido pela mente um turbilhão de ideias, admirava-se ele de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luisinha, menina sensaborona e esquisita, quando havia no mundo mulheres como Vidinha. (ALMEIDA, 2011, p. 171)

Quando viu brotar seu amor por Luisinha, embora nunca tenha deixado seu caráter travesso, Leonardo ainda se encontrava sob a proteção de seu padrinho, que fazia de tudo para ajudá-lo, inclusive unindo-se à Comadre com o intuito de minarem a trama de José

Manuel e auxiliar o afilhado. Sua vida era dotada de certa estruturação e de uma mínima estabilidade, pois tinha com quem contar. Por outro lado, quando começa a se relacionar com Vidinha, Leonardo encontrava-se sozinho no mundo, sem ter para onde ir e passou a experimentar uma vida desregrada, marcada por vadiagem, confusões e malandragem.

O despertar do amor de Leonardo por Luisinha se deu na ocasião da festa do Divino Espírito Santo, uma festa religiosa muito apreciada pelos cariocas. Num primeiro momento quando o padrinho lhe avisou que teriam que fazer uma visita à Dona Maria e sua afilhada, sem que pudesse compreender “pulou de contente” (ALMEIDA, 2011, p. 109). Assim, o compadre e o afilhado foram buscar Dona Maria e sua família para irem aos festejos do Divino. Leonardo ofereceu-lhe o braço, mas Luisinha não compreendeu o gesto ou mesmo não deu fé ao mesmo, e então caminharam lado a lado. Em dado momento, em meio ao festejo religioso, Leonardo descobre-se enamorado por Luisinha.

Em contrapartida, Leonardo conhece Vidinha, quando depois de muito andar foi dar nas bandas do Cajueiro¹⁶, onde encontrou um velho conhecido seu. Lá se chegou ao rancho e logo começou a beber, comer e farrear com a patota que ali se encontrava. Contou a seu amigo sobre suas desventuras e que se encontrava sem lugar para pousar, e este disse para que não se preocupasse, pois lhe levaria à súcia. Ao cair da noite, antes de o bando se levantar, Vidinha pôs-se a cantar uma modinha. Perante a beleza da moça, Leonardo “nunca mais tirou os olhos de cima da cantora” (ALMEIDA, 2011, p. 168).

Neste período de sua vida, Leonardo passa os dias na malandragem, como um verdadeiro vadio. Não arredava o pé de casa, sem se dar conta do que se passava mundo afora. Manuel Antônio de Almeida resumiu esta fase de seu protagonista como seu mundo se resumindo “unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha” (ALMEIDA, 2011, p. 188).

Assim, notamos que o início do romance entre Leonardo e Luisinha – mulher branca, deu-se em meio a um festejo religioso, num ambiente familiar e respeitável, no qual ambos acompanhados de seus responsáveis, enquanto nosso protagonista conhece Vidinha, mulher

¹⁶ Região popular, ocupada por uma população de classes sociais mais baixas. À geografia e circunstâncias da época era considerada muito afastada do centro da cidade, considerando os limites da cidade do Rio de Janeiro.

negra, em meio à farra, cantorias, rindo e falando alto, participando ativamente da vida social entre os seus.

Sobre a representação feminina do amor romântico da época, importante dizer que Luisinha era a clássica representação da mulher pura e passiva. Ao longo do livro, percebemos que ela não expressa seus desejos, não opina, não age. Seja pelo narrador, seja pelos outros personagens, é quase sempre silenciada por estes, que pensam e agem por ela nas mais diversas situações. Trata-se do padrão da mulher submissa e angelical típica das narrativas românticas (SANTOS, 2011). É tímida e contida em seu jeito de ser, em seus gestos e suas ações, não toma a iniciativa:

(...) Luisinha, uma vez extinto o entusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apatia, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e Leonardo fizeram a dona Maria depois desses acontecimentos, nem para este último levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão. (ALMEIDA, 2011, p. 118)

Aparentemente Luisinha reage com indiferença ao galanteio de Leonardo, no entanto, notamos que sua atitude é pautada não só em sua timidez como também no comedimento esperado das “moças de família”, que deveriam ser recatadas diante de tais situações (ALMEIDA, 2013).

Já Vidinha, encarnava as diabruras da vida profana: tinha um ar encantador, era sedutora, sensual, independente e livre. A paixão de Leonardo por ela tinha uma conotação luxuriosa, de perdição e loucura se comparado ao seu sentimento por Luisinha.

Ao avistar um abraço entre Leonardo e Vidinha, o primo faz um escarcéu e se dirige à mãe de Vidinha, demonstrando sua preocupação pelo fato dela e Leonardo estarem se relacionando debaixo do mesmo teto:

–Fogo - replicou este - se ali pegar fogo não haverá água que apague... E olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está-se ajuntando lenha para isso. (ALMEIDA, 2011, p. 183)

Vidinha, acostumada a uma vida mais livre e sendo uma “formidável namoradeira”, recebeu bem “as finezas do Leonardo, que dessa vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque o negócio com Luisinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte” (ALMEIDA, 2011, p. 182).

Observamos que o contanto físico entre Leonardo e Luisinha é mínimo, restringindo-se a toques de mãos e algumas trocas de olhares que se expressam de modo contido e velado. Em contrapartida, com Vidinha o contato físico é bem mais próximo e íntimo, sem maiores pudores em esconder o que ali acontecia.

Sobre o tema, em seu antológico ensaio “A dialética da malandragem”, Antônio Cândido afirma que:

Luisinha e Vidinha constituem um par admiravelmente simétrico. A primeira, no plano da ordem, é a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres. Vidinha, no plano da desordem, é a mulher que se pode apenas amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme os pendores do instinto e do prazer. (CÂNDIDO, 1970, p. 15)

A afilhada de Dona Maria, Luisinha, adequava-se ao modelo de passividade e submissão, já Vidinha era passional e tinha uma postura ativa diante da sociedade (ALMEIDA, 2013). Sobre ela, o autor fala:

Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar esse sentimento. (...) Outras enfim deixam-se tomar de um furor desabrido e irreprimível; praguejam, blasfemam, quebram os trates, rompem a roupa, escapam os escravos e filhos, descompõem os vizinhos; esta é a pior de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos econômica, e também a mais infrutífera. Vidinha era do número destas últimas. (ALMEIDA, 2011, p. 208)

Após o desenrolar da cena de ciúmes protagonizada por Vidinha, observamos que o narrador recrimina sua atitude quando afirma: “Não há cousa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto em Vidinha havia de requiebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante”. (ALMEIDA, 2011, p. 210)

Vidinha representa a mulher da rua. Como afirma Roberto DaMatta:

Assim, se a mulher é da rua, ela deve ser vista e tratada de um modo. Trata-se, para ser mais preciso, das chamadas mulheres da ‘vida’, pois rua e vida formam uma equação importante no nosso sistema de valores. (DAMATTA, 1986, p. 30)

Nesse sentido, até o nome “Vidinha” já sugere o caráter da personagem: Leonardo a conhece na rua, cantando modinha no meio de outros homens, participando ativamente da vida social, faz barraco na rua, agarra-se com ele no quintal sem maiores puderes.

Do outro lado da balança, representando a perspectiva da “casa” está Luisinha. Por exemplo, no capítulo, “Domingo do Espírito Santo”, Dona Maria, madrinha da moça, na ocasião da Folia do Espírito Santo, afirmava que a jovem “no tempo do pai nunca saía” (ALMEIDA, 2011, p. 113). Além disso, toda sua visão da rua se dá pela rótula da janela, principalmente após seu casamento com José Manuel. Luisinha na figura da casa concebe a imagem daquilo que é “bom, é belo e, é sobretudo, decente” (DAMATTA, 1986, p. 27).

A partir da análise da formalização dos relacionamentos, observamos que há nítidas diferenças entre as duas: ao final do livro, Leonardo casou-se com Luisinha, formalizando e legitimando a relação entre os dois. Já com a Vidinha, a relação não passou do nível de informalidade.

Negritude

Nesse Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, uma cidade onde negros escravizados, libertos e forros; juntamente com brancos ricos e pobres, conviviam nas ruas e nos espaços sociais exercendo suas funções e ganhando a vida¹⁷, deixava a impressão de suavidade nas tensões sócio raciais. Neste mesmo ambiente, corpos e subjetividades se encontravam e compartilhavam suas experiências no mundo vivido.

Assim nosso objetivo será uma tentativa de leitura da sociedade carioca do século XIX, sob o prisma das relações raciais que, permeadas pela teoria do branqueamento, proporcionavam uma interação racial caracterizada pela possível ausência de tensões raciais, mesmo em um sistema escravista. Para isso, utilizaremos as narrativas sobre as corporeidades e as ocupações sociais de alguns personagens onde pistas de sua localização nas categorias sócio raciais possam ter sido apresentadas.

Compreendendo que as relações raciais compõem esse mundo vivido, atentamos para as maneiras como estes corpos se manifestam, expressam e até mesmo como executam seus

¹⁷ Termo utilizado por Antônio Cândido em *A dialética da malandragem*.

movimentos, pois “os gestos, a postura, os movimentos de um modo geral, são considerados como potencializadores de enunciação de subjetividades” (NÓBREGA, 2010, p. 26). A narrativa ao elucidar os detalhes das expressões destes corpos, sejam as estéticas ou os movimentos, pode nos apontar uma subjetividade, uma maneira particular que caracterizaria uma das diferentes maneiras de viver naquela sociedade. Afinal, “emissor ou receptor, o corpo produz continuamente sentidos, ele insere ainda ativamente o homem no interior de um espaço social e cultural dado” (Idem, p. 34).

Utilizando a metodologia proposta por Roberto DaMatta (1993, p. 39), na qual os “textos literários são vistos como peças etnográficas - descrições de sociedade”, buscaremos nas narrativas do livro os pontos nos quais a ideologia está presente demonstrando-se como estruturante na sociedade brasileira.

Há uma corrente que destaca o fato de, mesmo em período escravista, o autor não apresentar seus personagens por meio de suas características físicas ou então nomeando-os como negros ou brancos, escravizados ou senhores. Entendemos que o período narrado pelo autor compreendia uma realidade de mais de 300 (trezentos) anos de escravidão negra, assim a escravidão era uma instituição, um sistema de produção legitimado e justificado por meio da religião, “um Catolicismo formalista, numa poderosa junção de interesses religiosos, políticos e comerciais numa ligadura que era ao mesmo tempo econômica, política e social e que tendia a mexer-se como uma totalidade”, fazendo com que “fosse aceito como normal pela maior parte de nossas elites” (DAMATTA, 2010, p. 70). O que justifica a não evocação dos escravizados diretamente na narrativa do autor.

Robert Swartz, ao comentar a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e também no capítulo “As ideias fora do lugar” traz expressiva contribuição sobre o liberalismo à brasileira e o conseqüente silenciamento da população negra no período. O autor descreve que nossa elite incorporou da Europa a noção de liberalismo, porém, por aqui, ideias liberais conviveram com a realidade da escravidão. Couto, comentando a obra de Swartz, traz que Brás Cubas é o protótipo do proprietário de terras e escravos aos moldes do século XIX e afirma:

O comportamento de Brás resume o comportamento de seus pares. A classe dominante oitocentista tratou de aclimatar em contexto brasileiro as ideias liberais europeias. Porém, na travessia pelo Atlântico, o liberalismo deixou

de ser europeu em seu âmagô, para sê-lo apenas em sua roupagem. As ideias liberais, aqui, estavam ora de lugar em relação ao centro do capitalismo, elas sofreram a metamorfose necessária ao seu deslocamento, passaram a conviver de forma contraditória com o escravismo e com práticas muito pouco modernas, como o clientelismo e o favor. (COUTO, 2016, p. 153)

Iniciemos, então, a nossa leitura do texto apontando, por meio de sua atuação, sua corporeidade, sua negritude de alguns personagens: a comadre, o Compadre e Chiquinha.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. [...] O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias dúplices, em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de crisólitas. (Idem, p. 35)

A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia. Muito agitada e cheia de acidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. (Idem, p. 36)

Esta era *Comadre*, aquela que trouxe o nosso protagonista ao mundo, segundo o narrador ela era “parteira e benzedeira ou curandeira de quebranto”. A Comadre então era uma pessoa que atuava nas atividades de cura que eram muito frequentes no século XIX. A presença de médicos era ainda muito escassa, com isso tinha-se na cidade do Rio de Janeiro os serviços de físicos, curandeiros, feiticeros, barbeiros-cirurgiões, sangradores-barbeiros, parteiras, em um conjunto de funções que atuavam na cura das enfermidades utilizando saberes da cultura popular.

Segundo Peard (1999), “as parteiras eram mulatas ou brancas pobres e faziam mais que entregar bebês[...] Eram também curandeiras associando palavras mágicas e orações e tratavam doenças femininas secretas”. A partir deste dado podemos considerar que a comadre era pertencente às classes populares e muito ligadas à crença católica. Poderia ser branca ou

uma mulata. Porém, pelas expressões de sua filha, Chiquinha, vemos que esta se expressa com características retratadas como expressões de mulheres negras e mulatas. Vejamos:

[...] Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciúmes pela sua almofada. Levantou-se ela do seu lugar já fervendo de raiva; pôs as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça à medida que falava, exclamou:

— Ora dá-se um desaforo de tamanha grandeza? (...) Vir da rua com os seus azeites, todo esfoguetado, e de propósito, e muito de propósito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem quê nem para quê! (PEARL, 2009, p. 103)

O ato de pôr as mãos nas cadeiras e balançar a cabeça à medida que fala, é caracterizada como uma expressão corporal de mulheres populares, que eram em sua maioria mulatas e negras, e não se adaptavam às características dadas como universais do sexo feminino, possuindo características próprias, padrões específicos, ligados às suas condições de existência, como observamos em Soihet:

[..] o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. [...] O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. (SOIHET, 2013, p. 17)

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio à curiosidade indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. [..]

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar sofrivelmente, foi obrigado a manter-se à sua custa e a pagar a morada com os ganchos que fazia, porque o produto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço doméstico. Lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade: já era oficial, e não queria rebaixar o seu ofício. (Idem, p. 40)

Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por única fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha consigo estes trastes estava com as armas e uniforme do ofício; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos [...]. Todo barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou, portanto, a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna. [...] de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta. (Idem, p. 41)

Aqui temos a descrição de um personagem negro sendo a sua identidade étnico-racial implícita nas informações sobre sua história de vida e sua ocupação social. Vejamos: Escravizados e ex-escravizados por sua situação degradante e humilhante teriam dificuldades em permanecer em família, visto que os filhos poderiam ser vendidos para outro senhor. Pois bem, o compadre foi criado aparentemente por outra família que o ensinava o ofício, mas também o tinha como criado, ocupado de atividades domésticas. Atividade ocupada principalmente por escravizados e negros de ganho no século XIX.

O ofício aprendido pelo compadre era, segundo Pimenta (1998), exercido em sua maioria, por negros escravizados, forros e libertos, pois estes possuíam maior acesso à população principalmente pelo fato de suas práticas estarem atreladas às suas crenças religiosas, tratando ao mesmo tempo os males físicos e espirituais. E ainda, atuavam como a única forma de assistência médica nos navios negreiros. Assim, o ofício de barbeiro-sangrador, foi percebido como uma importante estratégia de luta pela sobrevivência e manutenção da vida.

Estes fatos corroboram com a grande empatia do compadre pelo pequeno Leonardo. Justifica sua preocupação com o menino aprender um ofício e ainda a herança reservada a ele.

A tentativa de uma leitura a partir das corporeidades e ocupações sociais dos personagens, estabelecendo uma relação entre suas expressões e seu pertencimento sócio racial, pode soar como uma tentativa determinista de racializar estes personagens.

Na verdade, a nossa intenção é de, por meio de um olhar crítico e atento ao contexto histórico informado pelo texto, compreender como as dinâmicas sociais se estabeleciam

também por seu conteúdo racial que não pode ser ignorado. O fato de algumas profissões serem exercidas somente por pessoas negras ou mulatas é um dado relevante e que contraria a crítica sobre a não presença de negros e escravizados no livro. Em nossa análise, utilizamos apenas alguns dos personagens principais, porém existem inúmeros outros que por sua atitude corporal, vestimenta ou ocupação social pode, em razão dos inúmeros motivos já citados, ser negro ou negra.

Sobre a relação entre a sociedade carioca e a teoria do branqueamento percebemos o quanto as relações raciais são distensionadas na narrativa. O fato de não se ter alusão ao pertencimento racial dos personagens já se caracteriza como a pretensa convivência cordial. Vislumbramos o elogio à mestiçagem com as referências feitas à Vidinha, a maneira como suas formas corporais e seus trejeitos foram descritos estão em consonância com o discurso sobre a mulata. Assim como a descrição de sua família, onde numa mesma casa se encontrava uma rede de parentesco que também se assemelha às descrições das formas de convivência da população negra urbana. Ressaltamos então a diferença de abordagem entre as personagens Luisinha e Vidinha sob o viés racial. A primeira, personagem branca, tem com o protagonista uma relação de flerte no qual o mesmo não tem atenção voltada para o corpo ou a suposta sensualidade da personagem. Cândida, Luisinha é exemplo da menina branca que se tornará a mulher dos futuros filhos da nação, como previsto na teoria do branqueamento. Já Vidinha, com toda a sua espontaneidade sedutora, atrai Leonardo para um contato corporal, a atração do rapaz se localiza justamente em partes do corpo e expressões da menina que a colocavam um pouco mais disponível e atraente ao jovem. Maneira pela qual a sociedade apreciava as meninas descritas como mulatinhas.

Concordando a perspectiva do professor em relação à incorporação da escravidão no senso comum, como algo dado, e, portanto, sem necessidade de nomeação porque já faz parte da narrativa, observamos possibilidades de inúmeros personagens serem visibilizados dentro de sua identidade étnico-racial. Seria preciso um pouco de atenção, cuidado e conhecimento durante a leitura para perceber onde estavam e como se comportavam os corpos negros no século XIX.

Considerações Finais

As diferentes maneiras com que a narrativa percorre as características dos personagens e as relações entre eles nos fornece um retrato de como a sociedade lidava e narrava suas experiências cotidianas. A literatura nesse sentido seria uma forma de expressão da sociedade, “um meio privilegiado pelo qual a sociedade poderia se manifestar” (DAMATTA, 1993, p. 55).

O personagem principal não se adequou a rigidez da escola. Já no período, estavam presentes expectativas de ascensão social por meio da educação, como representado pelo padrinho de Leonardo. No entanto, o garoto aprende de maneira bem superficial a leitura e a escrita, o que, mesmo assim, o coloca em um patamar acima de boa parte da população brasileira da época. Sua vida profissional, antes de ele se tornar sargento de milícias, é marcado pela informalidade, flertando com a malandragem, e por uma série do que chamamos hoje de “bicos”.

No final da obra, quando enfim Luisinha e Leonardo casam-se, após esta enviuar, observamos uma intenção moralizante, no sentido de legitimar os valores burgueses, numa época em que o casamento, numa sociedade conservadora, era a forma de legitimar as relações e permitir que o casal faça sexo. Desta forma, o casamento de Leonardo com Lusinha, marcaria a transição do protagonista de um vadio, malandro para um homem sério, de família, submetido à lei (ALMEIDA, 2013). Além do casamento, o livro expõe o comportamento do imaginário comum da época, que, de maneira generalista, considerava mulheres brancas para casar e negras para se divertir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edwrigens. Crítica, poética e relações de gênero: uma releitura de Memórias de um Sargento de Milícias. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-6ZFGD3/disserta__o_final__16_mar_o.pdf?sequence=1, 2013> Acesso em: dezembro de 2017.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. Memórias de um sargento de milícias. Biblioteca Digital. Câmara dos Deputados, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Brasília, 2018.

_____. Emenda Constitucional nº 53/2009. Prevê a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc53.htm

BRITO, Arlete; RIBEIRO, Maria Augusta. História da educação e literatura: possibilidades de relações. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 27. N. 45, p. 97-116. Abril, 2013.

CEDEPLAR. Publicação crítica do recenseamento geral do Império do Brasil de 1872 (Relatório provisório). Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica – NPHEd. Belo Horizonte, Janeiro, 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Escolas do Imperador. 2004. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_imperador/escolas_imperador.htm. Acesso em 30/08/2018.

COUTO, Elvis Paulo. Roberto Schwarz e a crítica social na literatura de Machado de Assis. *Revista Florestan Fernandes - Ano 3 - N. 1 - Pag. 151-163*. Disponível em: www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/download/169/111. Acesso em 28/11/2018.

DAMATTA, Roberto. *A Casa & a rua*. In: *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MACHADO, Duda. O romance do malandro brasileiro. In: ALMEIDA, Manuel A. *Memória de um Sargento de Milícias*. 33ª Ed., São Paulo: Ática, 2009. p. 167-181

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*. 3ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Elisa, L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

NÓBREGA, Terezinha. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Memórias de um sargento de milícias: educação primária e trabalho livre no tempo d’el rei*. *Revista Proposições*. Campinas, V. 17. N. 3. 2016.

PEARD, Julian G. *Race, place and medicine: the idea of the tropics in nineteenth - century Brazilian medicine*. Durham: Duke University Press, 1999. (Chapter 4).

PIMENTA, Tânia S. Barbeiros-sangradores e curandeiros do Brasil (1808-1828). *Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v.5, n.2, jul-out,1998. p. 349-374. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000200005>>.

SANTOS, Jerlyane. Luisinha e Vidinha: a representação feminina no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. III Seminário Gênero e Prática Culturais: Olhares Diversos sobre a Diferença, 2011.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHUELER, Alessandra. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 19, n. 37, São Paulo. Setembro 1999.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary D. *História das mulheres no Brasil*. 10ª Ed., São Paulo: Contexto, 2013. p.362-400.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. Editora 34. São Paulo, 2012.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* — São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. 256 p. (Coleção Espírito Crítico)

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ZAGURY, Eliane. Retrato divertido do Brasil. In: ALMEIDA, Manuel A. *Memória de um Sargento de Milícias*. 33ª Ed., São Paulo: Ática, 2009. p. 09-12.